

PARALAXE DA CASA: O LUGAR-DO-SER E O SER-DO-LUGAR

HOUSE PARALLAX: THE PLACE-OF-THE-BEING AND THE BEING-OF-THE-PLACE

Jahan Natanael Domingos LOPES
Unicamp
E-mail: jahan_natanael@hotmail.com

RESUMO

Para uma visão ontológica da casa, tece-se o sentido da paralaxe (método) como prumo para sua fenomenologia. Nisso, a casa, enquanto lugar, admite a dialética aristotélica: o lugar-do-ser (rumo ao constituir) e o ser-do-lugar (rumo ao construir). Desse modo, guia-se a trama dos conceitos entrelaçados aos sentidos da casa: o morar (lugar-do-ser) e o residir (ser-do-lugar), aos extremos do morar sem residir (habitar) e o residir sem morar (abrigar). Assim, situa-se a lugaridade entre as paralaxes econômica e política em abertura da paralaxe científica. Dessarte, à visão da paralaxe geográfica, entreteceu-se, com a história-filosófica da casa, seu ser: a casidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento geográfico. Geografia social. Ontologia. Economia. Política.

ABSTRACT

For an ontological view of the house, the sense of parallax (method) is woven as a plumb line for its phenomenology. In this, the house, as a place, admits the Aristotelian dialectic: the place-of-the-being (towards constituting) and the being-of-the-place (towards constructing). Thus, the weave of concepts intertwined with the senses of the house is guided: dwelling (the place-of-the-being) and residing (the being-of-the-place), at the extremes of dwelling without residing (inhabiting) and residing without dwelling (sheltering). Thus, placeness is situated between the economic and political parallaxes, opening up to the scientific parallax. Therefore, in the view of geographic parallax, the historical-philosophical narrative of the house weaves its being: housity.

KEYWORDS: Geographic thinking. Social geography. Ontology. Economy. Politics.

Introdução

[...] *alguém estabeleceria ser o lugar uma causa para os entes? Nenhuma das quatro causas lhe corresponde, pois não é nem como matéria dos entes (nada é constituído a partir dele), nem como forma (eîdos) e definição (lógos) das coisas, nem como fim, nem move os entes.*

(Aristóteles, 2011, p. 88)

Era uma vez os três porquinhos. Ao saírem da casa de sua mãe, cada um ganha dinheiro suficiente para construir suas próprias residências. O primeiro, constrói uma casa de palha, o segundo, uma casa de madeira e o irmão mais velho, o terceiro, uma casa de tijolos. Dessarte, compreende-se que: “As casas que os três porquinhos constroem são simbólicas do progresso do homem na história: de uma choça desajeitada para uma casa de madeira, finalmente para uma casa de tijolos.” (BETTELHEIN, 1980, p. 43). O desenvolvimento é concebido a partir da edificação das casas, tanto dos porquinhos em suas idades quanto em inteligências para a construção, do mais novo ao mais velho: o primeiro, o mais idealista, o segundo, o mais romântico e o terceiro, o mais materialista.

Há mais. Essa história, cujas primeiras edições permitem-se datar desde o século XVIII, foi transmitida originalmente pela tradição da oralidade (GUADAGNIN, 2017). Ademais, é um conto de fadas concebido com uma moral, isto é, uma fábula, estimando: o trabalho duro é mais vantajoso que o trabalho preguiçoso. De outro modo, entrelaçam-se conceitos psicanalíticos através da estruturação da psique: “Internamente, as ações dos porquinhos mostram o progresso da personalidade dominada pelo id para a personalidade influenciada pelo superego, mas essencialmente controlada pelo ego.” (BETTELHEIN, 1980, p. 43). A casa porta o sentido do trabalho que lhe fora atribuído, tornando-se mais segura pelo esforço dedicado: no entanto, quando da visita do lobo faminto, os primeiros porquinhos são eliminados – por mudarem ou por serem devorados – sobrando apenas o terceiro.

Distinguem-se, então, as visões para a casa atrelada tanto ao lugar de uma ideia quanto a ideia de um lugar. Através de *Os três porquinhos*, cuja versão mais famosa é do australiano Joseph Jacobs, escrita em 1890 em seu livro *English Fairy Tales*, a maldade do lobo é irreverente à casa construída pelo prazer, defronte à casa construída pela razão (JACOBS, 1890). Outra versão mais lúdica é a do filme de 1933, dirigido por Burton Gillett, da Disney: “No desenho da Disney referente a esse conto, há uma provocação interessante à figura do lobo, pois os porquinhos ganham uma trilha sonora onde cantam de forma desafiadora: ‘Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau?’ ” (CORSO; CORSO, 2006, p. 57). Nesse caso, conforme as três visitas do lobo, o porquinho da casa de palha vai para a casa de madeira e, depois, os dois vão para a casa de tijolos; enquanto naquele caso, do livro, os porquinhos iniciais são

sucessivamente comidos. Assim, há evolução individual na obra literária, enquanto na versão cinematográfica há uma evolução coletiva.

Ambas as versões, a do livro e a do filme, atrelam-se a dois pensamentos possíveis de paralelismo: o primeiro incute o desenvolvimento das histórias individuais e o segundo, o desenvolvimento da história humana. A casa carrega sentidos existenciais e, inclusive, correlaciona-se às temporalidades dos indivíduos ou dos coletivos. Diz-se isso de acordo com K. Marx (2022, p. 135-136, destaques do autor): “o ser humano retorna à *morada cavernal*, mas sob uma forma estranhada, hostil. O selvático, na sua caverna – esse cândido elemento da natureza, a se oferecer à fruição e à proteção –, não se sente estranho ou, antes, sente-se em casa como o *peixe* na água.” Disso, urge a compreensão da história da casa como lugar, retornando à própria natureza cavernal antes do trabalhamento existencial – em palha, madeira ou pedra.

Esse raciocínio retoma, entre a discussão de primeira e segunda natureza, o pensamento greco-clássico do lugar. A saber, guia-se ao dilema de Aristóteles (2011, p. 89): “o lugar parece ser um recipiente tal qual um vaso (pois o vaso é um lugar transportável). E o vaso não é nada da coisa (contida). Por um lado, enquanto separável da coisa, não é a forma; por outro lado, enquanto o que contém a coisa, é diferente da matéria.” Disso, percebe-se a distinção entre ser do lugar e o lugar do ser, em dois extremos. Tanto a coisa que está no espaço concedendo sua razão de ser, quanto o espaço permitindo à coisa sua razão de existir são direções de raciocínio designadas na concepção aristotélica. Nessa coligação, entende-se “como Aristóteles circunscreveu o lugar com uma definição dialética” (BERGSON, 2013, p. 91). Orienta-se este trabalho, por conseguinte, à visão dos extremos: percebe-se haver uma oposição diametrizante de duas experiências-limite a partir da conceituação de lugar.

Liga-se o lugar, para uma compreensão lógica plausível, a dois conceitos distintos e correlatos na relação dialética: *τόπος* e *χώρα*. Perpetra-se, com mais detalhamento, segundo M. Heidegger (2009, p. 50): “Aristóteles nomeia isto que nós chamamos de espaço com duas palavras diferentes: *τόπος* e *χώρα*. *τόπος* é o espaço que um corpo ocupa imediatamente. [...] O espaço ocupado por um corpo, *τόπος*, é o seu lugar.”¹ Ainda com o autor, visiona-se: “Em contraste com *τόπος*, *χώρα* designa o espaço para tanto que possa acolher (*δέχεσθαι*) um tal lugar e cercá-lo, contê-lo (*περιέχω*). É por isso que *χώρα* é um *δεκτικόν* e um *περιέχον* (um receptáculo e um constituinte).”² (HEIDEGGER, 2009, p. 50). Por conseguinte, dizer-se-

¹ Free translation of: “*Aristote nomme ce que nous appelons espace avec deux mots différents: τόπος et χώρα. τόπος est l’espace qu’un corps occupe immédiatement. [...] L’espace occupé par un corps, τόπος, est son lieu.*”

² Tradução livre de: “*Par contraste avec τόπος, χώρα désigne l’espace pour autant qu’il peut accueillir (δέχεσθαι) un tel lieu et l’entourer, le contenir (περιέχω). C’est pourquoi χώρα est un δεκτικόν et un περιέχον (un réceptacle et un contenant).*”

ão como lugar-do-ser (*τόπος*) ao lugar da coisa e ser-do-lugar (*χώρα*) à coisa do lugar. Aqui a coisa a ser tratada, em específico, é a casa.

Com este curso, há a centralização da discussão nesta contemplação da paralaxe da casa. Escalase, *paralaxe* tem sua designação do grego *παράλλαξις* (*parallaxis*) que significa alteração. É o efeito, a rigor, ao sentido do “deslocamento aparente de um objeto (mudança de sua posição em relação ao fundo) causado pela mudança do ponto de observação que permite uma nova linha de visão” (FONSECA, 2019, p. 77). Essa noção, proveniente da física, consente um re-trabalhamento filosófico, espiralando outras possibilidades interpretativas. O paralelismo da paralaxe está, ao sentido de lugar que medeia extremos de divergências opostas, em abordagem. Com isso, o sentido de lugar (coisa-espaco e espaco-coisa) situa-se na trama hermenêutica da existência (ontológica) que percebe o existir (ôntico) de seu entorno a partir da diferencialidade de sua geografia.

Há, em primeiro lugar, a própria *diferença ontológica* como a maior das paralaxes, que condiciona nosso acesso à realidade; há, em seguida, a *paralaxe científica*, a lacuna irreduzível entre a experiência fenomenal da realidade e sua descrição/explicação científica, que chega ao apogeu no cognitivismo, com seu esforço para oferecer uma descrição neurobiológica na “terceira pessoa” de nossa experiência em “primeira pessoa”; por último, mas não menos importante, há a *paralaxe política*, o antagonismo social que faz com que não exista solo comum entre os agentes em conflito (antigamente, isso se chamava “luta de classes”) (ŽIŽEK, 2008, p. 18, destaques do autor).

Guia-se, por fim, ao arremate a ser discutido, a paralaxe do lugar da casa e a casa do lugar. Ao percurso orientado, tem-se a casa tanto aberta como moradia (lugar-do-ser) quanto como residência (ser-do-lugar). Essa distinção afere-se aos sentidos a serem incutidos nestes extremos. Há, também, tanto o sentido de morar sem residir (habitar) quanto o sentido de residir sem morar (abrigar). Essas relações dão uma interconexão para a trama ao rumo da fenomenologia da casa enquanto lugar. Versar-se-á, portanto, a paralaxe através do ontológico, do científico e do político: “Essa tríade, é claro, é a do Universal-Particular-Singular: filosofia universal, ciência particular, a singularidade do político.” (ŽIŽEK, 2008, p. 18). A paralaxe geográfica corresponde ao sentido da casa em sua diversidade de possibilidades de visionamento, aqui, a partir da diferença ontológica conforme a dialética do lugar. Disso, visiona-se entamar os conceitos de casa – duplos: moradia e residência; ou opostos: habitar e abrigar – mediante as noções aferidas pela paralaxe.

Desse modo, perscrutar-se-á a casa ao sentido da paralaxe (método) ao prumo da fenomenologia-dialética de seus conceitos. A casa enquanto lugar é um fenômeno, ademais, que aparece conforme a dialética entre o lugar-do-ser (rumo ao construir) e o ser-do-lugar (rumo ao constituir). Nessa sequência, imputa-se discutir a casa em vista de sua profusão existencial em duas seções: a primeira, a casa constituída a partir da paralaxe política (e econômica) e, em segunda, a casa construída pela paralaxe científica, ambas

guiadas pela visão histórico-filosófica. Abre-se, ainda às seções, uma discussão histórica interpenetrando mais o indivíduo (pela constituição) e, em seguida, mais pelo social (pela construção). Encontra-se, ao todo, o modo de ser da casa enquanto lugar: a casidade.

Lugar-do-ser: paralaxe da casa constituída

*Os andaimes amparam a casa
Até estar concluída
E somem, a partir daí;
A prumo e ereta,
A casa a si própria sustém
E já não mais recorda
Nem carpinteiros nem brocas –
Memória igual tem a vida
Integralmente cumprida –
Um passado de lentidão, tábuas
E pregos – caem então os cadafalsos
Afirmando-a como alma³.*

(Dickinson, 2007, p. 21)

Discutir a casa é um tema moderno na geografia. De modo quase poético, a casa enquanto ninho abre uma altercação de sua naturalidade, segundo P. La Blache (1954, p. 215): “O homem, desde que sentiu necessidade de se fixar, fez o seu ninho com os materiais que tinha ao seu alcance e sofreu a influência deles. É exato dizer, sobretudo a este respeito, que a matéria dita a forma.” Doravante à perspectiva da construção da casa, em conjuntos e arranjos, também ela é uma unidade da cidade reconstituindo o entorno natural, isso em aproximação tênue para a consciência geográfica configuradora. Em outro modo, o geógrafo salienta: “Não é porventura a casa, em todos os países, um dos sinais fiéis da mentalidade daquele que a habita?” (LA BLACHE, 1954, p. 238). Com isso, mostra-se tanto a relação da construção quanto da constituição, unindo o corpo e a mente, em uma densidade que eleva a casa aos sentidos físicos e aos metafísicos.

É, nesse íterim, que a questão da psique corresponde à reflexão já feita dos três porquinhos. A casa em sua materialidade, reinante da forma, é tomada ao predomínio dos tijolos: “As conquistas de pedra sobre a madeira caminharam a par com os progressos da civilização.” (LA BLACHE, 1954, p. 235). Esse pensamento admite uma evolução dos materiais, embora sejam os meios que abram a discussão acerca das melhores técnicas. A forma advém da matéria disponível, mas a circulação das

³ Tradução livre segundo L. Gonçalves (2010, p. 27) através do seguinte excerto original: “*The Props assist the House / Until the House is built / And then the Props withdraw / And adequate, erect, / The House support itself / And cease to recollect / The Auger and the Carpenter – Just such a retrospect / Hath the perfected Life – A past of Plank and Nail / And slowness – then the Scaffolds drop / Affirming it a Soul*”.

matérias no globo reconfigura as matérias e as formas alavancando a global planetarização. Isso posto, abre-se a tessitura da economia, cuja etimologia deriva de *οικονομία* com a seguinte aglutinação: *οἶκος*, significando casa com *νόμος*, significando gerir ou administrar. Casa é, portanto, um conceito basilar da eco-nomia. Outrossim, rompe-se o determinismo através das trocas e, por conseguinte, a casa torna-se materialidade do progresso de circulação e, em paralaxe, aprova a visão diferencial das classes conforme seu poder de consumo.

Consoante à etimologia, tem-se um originário percurso ontológico da casa em sua paralaxe. Isto é, o primeiro a configurar a economia pela casa é Xenofonte (1999), filósofo socrático que viveu no século IV a.C., em seu livro *Econômico*. Desse modo, rumo à paralaxe política da casa, admite-se, tão logo, uma distinção – através do interno e do externo – de gêneros masculino e feminino: “Já que ambas as tarefas, as do *interior* e as do *exterior* da casa, exigem trabalhos e zelo, desde o início, na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da *mulher* para os trabalhos e cuidados do interior, a do *homem* para os trabalhos e cuidados do exterior da casa.” (XENOFONTE, 1999, p. 18, destaques nossos). Entre o dentro e o fora de casa há uma mudança do poder, as funções, estritamente pelo filósofo, são atribuídas e vistas a partir do sexo, verdadeiro divisor dos seus domínios de administração.

Essas visões em paralaxe da casa, tanto da região quanto do gênero, conferem ao lugar em sua localização no planeta e em sua diferença de poder entre o dentro e o fora. Ainda na questão de gênero, origina-se da casa o sentido de *casa-mento*, ao que, no prumo agressivo e desigual do sistema patriarcal, para as mulheres: “Ao se atribuir a elas a responsabilidade praticamente exclusiva pela prole e pela casa, já se lhes está, automaticamente, reduzindo as probabilidades de desenvolvimento de outras potencialidades de que são portadoras.” (SAFFIOTI, 1987, p. 14). A paralaxe masculina defronta-se com a paralaxe feminina, nessa perspectiva, advoga-se a internalidade casa como obrigação feminina, por vezes mais residindo do que morando, gerando uma situação-limite. Encontra-se, ao contexto brasileiro, a definição de violência doméstica definida pela Lei nº 11.340 (BRASIL, 2006, p. 1), mais conhecida como Lei Maria da Penha: “Art. 5º – Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.” Por conseguinte, ao matrimônio, o casamento torna-se plausível de justapor, na situacionalidade de violência, a casa como cárcere feminino.

Da paralaxe econômica deriva-se pensar a paralaxe política, concomitantes. Em essência fenomenológica, a economia abre-se através da casa e tão logo ajusta a dinâmica de poder. Virtuam-se, pois, duas concepções da cidade defronte a casa, em seu interregno: “o *polites* [*Πολίτης*] que se dedica aos grandes afazeres da comunidade, para aprender qual é a virtude do *idiotes* [*Ἰδιός*], aquele que se ocupa de suas próprias coisas, de sua casa, de sua família, de seu patrimônio.” (BRANDÃO, 1998/1999, p. 222). Contrapõem-se o cidadão e o idiota tomando como base a paralaxe, respectivamente, ao pensamento

coletivo e ao individual. A casa, em sua manifestação de poder – além da discussão dos gêneros –, encontra a sua inserção territorial e a responsabilidade recai ao apelo do Estado e da comunidade. Dessarte: “Como se vê, a casa não deixa de ser reflexo da cidade e o econômico é paralelo ao político” (BRANDÃO, 1998/1999, p. 225). A possibilidade de pensamento individual não aparta a casa de seu sentido social, ademais, ela é interpenetração de todas as problemáticas acerca do direito e da dignidade de abrigo e de habitação.

Para a compreensão do sentido da casa há, portanto, a irradiação de conceitos que entramam as possibilidades de paralaxe. Abre-se, desse modo, o mundo pela casa em configuração política: “Uma boa casa para morar e um mundo melhor para viver são dois anseios complementares na composição do quadro de valores humanos.” (GONÇALVES, 2010, p. 11). A casa do cidadão e a casa do idiota não se dialetizam, em verdade, são justapostas, haja vista que a casa permite insistir tanto na individualidade quanto na sociabilidade: é o espaço social do encontro consigo mesmo e com os outros. Na casa pode-se ser um idiota na publicidade do mundo. Isto é, consente-se que “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos.” (BACHELARD, 2008, p. 24). Essa é a virtude do idiota, poder recusar a sociabilidade, escolher a si em seu entorno, isto é, levando em conta uma casa para morar, porque insuficiente é a casa apenas de abrigo, tal como é a prisão.

Em discussão sobre o cárcere, monta-se a contenda específica de um sentido estrito para casa. Adensa-se, brevemente, este caso, ao que, em análise do Panóptico – uma prisão circular com o centro de visão apenas dos guardas em um sistema de vigilância comum aos presidiários desorientados de sua vigília –, discutido por Jeremy Bentham a partir de M. Foucault (2014, p. 196) que argui: “O peso das velhas ‘casas de segurança’, com sua arquitetura de fortaleza, é substituído pela geometria simples e econômica de uma ‘casa de certeza’.” Nesse ponto de vista, a prisão desloca seu pensamento de proteção social para doutrinação social: torna-se uma catequese do cidadão, compelida a destituir até em sua casa a possibilidade de ser idiota. Sem aprofundar mais a questão para a genealogia do poder, intenta-se apenas identificar a prisão como casa de disciplinarização do cidadão, fundamentado pela vigilância, em uma paralaxe política de sumo controle do poder.

Imputa-se, ainda mais, a questão da paralaxe política que envolve a questão da casa, sobretudo na perspectiva do ser em sua possibilidade social de ser individual. Concerne-se, para tanto, a concepção de diferencialidade dos espaços políticos: “Para o eu’ individual, esse mundo é a casa; para o ‘eu’ coletivo, é um ambiente público como o templo, o espaço municipal ou o centro cívico.” (TUAN, 2013, p. 203). Imbricam-se, nesse sentido, os dois modos de ser do eu em sua formação egocêntrica para si mesmo (individual) e para os outros (coletivo). A compreensão geográfica da casa é a possibilidade de aglutinar a existência em um modo individual-coletivo através de um mesmo lugar. O lugar-do-ser, que é uma

abertura infinita, é ontologicamente contraditório em si mesmo, conduzindo o ser e o não-ser em íntegra possibilidade: diferindo-se do ser-do-lugar já em condição da entidade que contempla a realidade da perscrutação.

Ainda na distinção conceitual da casa em sua diversidade de experiências-limite, versa-se agora adentro das paralaxes observadas do residente e do morador. Encontra-se, em vista de compenetrar ainda mais a tensão, a seguinte diferença: “O observador que explora o lugar fala da casa, ao passo que o residente daquele lugar vive o processo de habitar. [...] a experiência do horizonte de alcance do morador pode ser um movimento tão fundamental na existência cotidiana que usualmente não se pensa nele” (BUTTIMER, 2015, p. 9). Poder-se-ia dizer, com isso, que residir envolve a vida do habitante, enquanto o morar envolve a casa do abrigado. Residir implica morar, do lugar-do-ser para o ser-do-lugar, enquanto morar pode não implicar residir ao advento de abrigo sem habitação. Outrossim, perpetra-se que o residir pode ser tão desgarrado da materialidade da casa que constitui-se como habitar-extremo; assim como, ao revés, morar pode ser tão desgarrado da imaterialidade da casa que se constitui como abrigar-extremo. O desgrude em suspensão ôntico-ontológica é situacional às especificidades das experiências cotidianas.

Além disso, estipula-se que a casa como moradia (sua idealidade constituída) e como residência (sua realidade construída) confrontam-se a cada momento da história. Percebe-se que o contexto capitalista intenta à transformação da casa em uma problemática de intencionalidades. Concebe-se: “a morada de porão do pobre é uma hostil ‘morada, a se considerar, em si, como poder estranho [...]’ a qual ele não pode considerar como sua pátria – onde ele pudesse dizer, enfim: aqui estou em casa –, onde ele se acha, antes, na casa de *outrem*, em uma casa *estranha*.” (MARX, 2022, p. 136, destaques do autor). Essa discussão acolhe a relação da casa ao sentido de morar defronte ao de residir: aferindo os limites de um habitante de caverna como morador sem residência e o abrigado como residente sem moradia. Tencionam-se definições vinculadas às ideias da casa (rente ao lugar-do-ser) e às matérias da casa (rente ao ser-do-lugar) a fim de reforçar a dialética da casidade.

Em vista de processos mais recentes, a história das casas como cavernas abre-se à casa como fruto de impérios. De antemão, pensa-se na mudança completa do sentido global de casa através do advento do capitalismo, assente-se: “As tarefas domésticas da vida cidadina – residencial, cerimonial, governamental e religiosa – cederam para a crescente importância das funções para ‘construção de impérios’, por exemplo comércio, finanças e indústria.” (BUTTIMER, 2015, p. 15). Vira-se, historicamente, o sentido de casa como unidade relativa ao seu entorno agrário para o sentido da casa como unidade encaixada – uma unidade referencial – à cidade. Transfigura-se a casa de ruralizada à urbanificada, isso em vista de funcionalizar-se ao fomento do imperialismo ao globalitarismo: a casa transpassada pelos espólios. Enlaçam-se, por fim, os conceitos interpenetrantes de: “competitividade, consumo, confusão dos espíritos, globalitarismo” (SANTOS, 2001, p. 46). A economia entrama as casas

em um sistema de consumo, divisor de classes, correlato à complexificação do sistema de trabalho, agindo como estanque de usos ao mundo das trocas.

Em cumprimento do ímpeto de discutir-se a casa, requer-se mais um ponto a ser elidido enquanto sua fenomenologia à fomentação geográfica: a paralaxe científica; imersa no confronto da paralaxe econômica com a paralaxe política. A quebra aqui para esta paralaxe está atrelada, em verdade, à sociologia do conhecimento. Cada cientista, configurado – flutuante ou não – à sua interseccionalidade, admite um sentido para casa, haja vista a tamanha economicidade e politicidade deste fenômeno. De outro modo, na paralaxe científica em seu sentido de observar, acopla-se a arte de pintar como seu modo de ser, ao que: “A ‘forma de olhar’: o pintor – isto é, o cientista social – é condicionado não somente por sua posição de classe, mas também por outras determinações, por outras pertinências sociais não-classistas [...]: nacionalidade, geração, religião, cultura, sexo.” (LÖWY, 1987, p. 204). A experiência para com a casidade é diversidade ao situar tanto quem está a discutir sobre a casa quanto quem está sendo discutido sobre a casa, eis a inflexão entre o lugar-do-ser e o ser-do-lugar: do casebre à mansão.

Até então, transpassou-se a casa entre: homem-mulher, cidadão-idiota, rico-pobre, cientista-leigo. Isso em um discorrer permeando da paralaxe ontológica à econômica, política e científica. Percebe-se de imediato, não há inocência ao se instigar a casa! A dimensão entre residir e morar é o distensor dessas e outras possíveis situações de paralaxe movendo-se para conduzir as paralaxes de situação. A casa é imponente à paralaxe por mediar o encontro do indivíduo com o coletivo, historicamente reconstruindo a Modernidade como mais imponente resolutivo do capital. A paralaxe entre correntes mais idealistas (pela forma) e mais materialistas (pela matéria) medeia a fenomenologia da casa. Assim, prossegue-se, desta turbulenta constituição, para a construção da casidade como resolutivo da paralaxe completa.

Ser-do-lugar: paralaxe da casa construída

Em completa solidão ninguém adornará ou limpará sua casa: não fará isso para os seus (mulher e filhos), mas apenas para os estranhos, a fim de se mostrar de uma maneira vantajosa.

(Kant, 2006, p. 129)

A paralaxe é uma característica fenomenológica, isto é, os fenômenos são transformados conforme a percepção muda de posição. Desse modo, poder-se-ia dizer que a geografia está impregnada na fenomenologia através da paralaxe, em uma coalisão unívoca: fenomenologia-geográfica. Para prosseguir a discussão da casa, abre-se a obra de P. Deffontaines (1972), intitulada *L’homme et sa maison* (tradução livre: O homem e sua casa). Nesse livro há uma extensa discussão das casas em sua correlação entre a cultura e a natureza, em vista, sobretudo, da questão dos dispositivos: de cobertura, de captação d’água, do fogo, da mobilidade (acerca de casas móveis), de contato (entre a casa e o solo, a caverna e as

palafitas), de aberturas (acessos do ar e da luminosidade), de conversação de produtos alimentáveis, de criação de gado e outros animais, de proteção para o sono e de religiosidade. Mais ou menos nessa sequência de ideias, os capítulos tecem a visão muito completa do fenômeno da casa e de suas interações entre multiplicidades de casas. A casa construída é, tão já, o ser-do-lugar transpassado pela paralaxe.

Há, porém, uma diversidade de diferenças entre os sentidos de lugar para se dizer acerca da casa, nisso, os idiomas constroem expressões culturais múltiplas. Conduz-se aos exemplos do francês entre *Maison* e *Chez*, do inglês entre *House* e *Home*, do espanhol entre *Casa* e *Hogar* e, talvez de melhor correlato, do português entre *Casa* e *Lar*. Dito respectivamente, caminha-se do sentido do lugar-do-ser (constituído) ao ser-do-lugar (construído). Etimologicamente, referencia-se a distinção: “Do latim *casa* ou *casae*, é o nome comum a todos os edifícios especialmente destinados à habitação [...] Do latim, *Lār*, *Lāris*, no plural *Lāres*, a palavra *lar* significa, originalmente, a parte da habitação onde se acende o fogo.” (RODRIGUES, 2016, p. 13). É, com isso, que a ideia de ser-do-lugar implica a contemplação socio-sentimental, socio-íntima e socio-emocional. Entre os extremos e seu ínterim, confere-se a materialidade do ser da casa através, originalmente, da idealidade do ser do fogo.

O sentido do ser-do-lugar abre-se do ontológico ao ôntico, tanto através da corporalidade quanto da entidade. Depreende-se, ainda, a casa ao sentido de proteção: “É para garantir essa proteção durante o sono que o homem foi levado a projetar uma habitação; a casa, marco essencial da geografia humana, foi o primeiro e continua sendo um abrigo do sono.”⁴ (DEFFONTAINES, 1966, p. 1055). Fogo e sono unem-se para o abrigo habitado ao habitar o abrigo. Circula-se a casa como divisória entre o perigo e o protegido, dimensiona o terror do fogo e o terror do sono tornando-os amistosos dentro de casa em comparação com o fora de casa. Dessarte, concerne-se que “a casa desvela a paisagem a partir de duas frentes de análise: da porta para fora e da porta para dentro.” (BRANDÃO, 2019, p. 49). Através da relação, há o ser-do-lugar defronte o não-ser-do-lugar, articulando uma dialética interna à lugaridade dialética em si mesma. Dentro e fora são oposições materiais da imaterialidade do lugar.

A paralaxe científica da casa adentra-se na questão de método. A diferença entre quem está dentro ou fora da casa é de sumo confronto, assim como quem é de dentro e está fora e quem é de fora e está dentro, mas também quando a casa está não aqui, mas ali ou lá. Em nomeação, distinguem-se os papéis sociais para com a casidade: “Os ‘de dentro’ são pessoas que estão no lugar, na comunidade, sujeito íntimo do lugar. Os ‘de fora’, por sua vez, são os estrangeiros, forasteiros ou migrantes.” (BUTTIMER, 2015, p. 8, N. T.). É, pois, em relação à casa como referência que à vista dos sujeitos encontra sua característica. Nisso, versa-se acerca do dentro como lugar em confronto do interno com o externo: “Falar de ‘de dentro’ e ‘de fora’, lugar *versus* organização espaço-temporal e outros dualismos deste tipo

⁴ Tradução livre de: “*C’est pour assurer cette protection durant son sommeil que l’homme a été amené à concevoir une habitation ; la maison, marque essentielle de la géographie humaine, a été d’abord et reste tout un abri du sommeil.*”

pode servir razoavelmente bem para descrever o registro histórico.” (BUTTIMER, 2015, p. 8). Então, entre o ocupar e o invadir, a dialética de dentro e de fora estende a dinâmica econômica-política para sua ciência. A fenomenologia da casa ganha sua dimensão mais destoante de sua construção dialetizadora do mundo vivido.

Além da perspectiva dual, entre o dentro e o fora, reverbera-se a derivação do perto e do longe, aos quais revogam ainda mais complexidade à paralaxe científica. Dessarte, ao prumo de conceituação: “O que está perto é o que pode dispor sem esforço, o que está longe exige um esforço e, imediatamente, um desejo de se aproximar.” (DARDEL, 2011, p. 10). A escalaridade amplia-se em todas as dimensões, pode-se estar vendo a casa horizontalmente de perto ou longe e verticalmente de perto ou longe. A externalidade da casa impera o fora para com a distância. Querer aproximar-se é parte do processo de estar afastado, assim como querer afastar-se é parte do processo de estar perto; porém, ambos são condições de externalidade, ao interno chamar-se-á de claustrofobia (ver-se afastado) e de agorafobia (ver-se aproximado) (CARVALHO, 2023; LOPES, 2022). Essas dialéticas permitem ampliar o método de perscrutarem-se a casa e o ser-do-lugar que podem ou não estar no lugar, mas, sempre, está em referência a ele ao que se orienta a instigação.

Discutirem-se tanto as perspectivas de onde se está em referência à casa quanto aos papéis que se assumem em relação à casa exibem a interconexão fenomenológica da geografia para com a compreensão do homem. Nesse princípio, imputa-se: “A antropologia do espaço teria muito a descobrir em cada casa. No entanto, não é proibido destacar alguns tipos que parecem essenciais na combinação de seus significados.”⁵ (FRÉMONT, 1999, p. 153-154). Da paralaxe constituída à paralaxe construída integra-se, enfim, a paralaxe geográfica pela integralidade de ambas. Felicita-se a paralaxe científica, adentrando-se à específica à geografia, em suas possibilidades de compreensão das essencialidades da casa para a compreensão entre o geral e o particular. A situação induz a dedução para a dedução induzida. De outro modo, com efeito, cada casa é um caso e cada caso é uma casa.

Tomar ciência da casa está diante da situação defronte a própria casa. Dito isso, as relações estão dadas através da referência para que a configuração do lugar seja discutida. A paralaxe geográfica (contida como científica) é justamente a variação de posições e de interpretações para se conceberem os sentidos possíveis, atuais e reais da casa. Nesse horizonte, orienta-se: “Toda referência é uma relação, mas nem toda relação é uma referência. Toda ‘ação de mostrar’ é uma referência, mas nem toda referência mostra. [...] a própria ‘relação’, devido a seu caráter formal geral, tem sua origem ontológica numa referência” (HEIDEGGER, 2015, p. 127). É-se, então, devido à paralaxe, concordante com a ontologia do ser em

⁵ Tradução livre de: “*L’anthropologie de l’espace aurait beaucoup à découvrir en chaque maison. Il n’est cependant pas interdit de dégager quelques types qui paraissent essentiels dans la combinaison de leurs significations.*”

paralaxe, a interligação dos entes encorpados. Isto é, há a paralaxe do observador e a paralaxe do observado, há a casa percebida e o sujeito percebedor. A referência pode ser dada em ambos para a paralaxe: tal como se podem ler as escalas da Lua para a Terra e da Terra para a Lua e, neste estudo, ambas são codificações diferentes entre si como paradoxo (LOPES, 2021). Circular o observar e o objetar são duas ações de método para a paralaxe geográfica, confrontando e reinterpretando pelo seguir de contínuos e de descontínuos estranhamentos integrados ao sintético-analítico.

Ainda, para a discussão da casa, deve-se mencionar um texto importante por fornecer a trama conceitual da casa. Está na discussão feita por M. Heidegger (2012, p. 125) intitulada *Construir, habitar, pensar* em sua conferência de 1951, nisso, exara-se: “Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. [...] Essas construções oferecem ao homem um abrigo.” Ao cotidiano, percebe-se que abrigar e habitar são perspectivas de casa, respectivamente, cujos sentidos estão entre o residir e o morar. Tecem-se as grandes diferenças dos sentidos entre o morar e o residir e entre o habitar e o abrigar ligando-se ao método entre dentro e fora e entre perto e longe entranhando – mediante o constituído – a base construída de método da paralaxe geográfica.

Há, como sempre, mais. Através da paralaxe, visamos, neste estudo, a atingir sua topoanálise: “Com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica. Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de topoanálise.” (BACHELARD, 2008, p. 196). Como lugar da existência e da coexistência, a saber, de excelência de intimidade para consigo mesmo, a casa é uma trama de conceitos perspectivados em uma análise do lugar; mas, também, de uma síntese em paralaxe. A casa aparece como fenômeno, mas se discute pelo seu ser através da percepção; assim, como fenômeno está coligado à paralaxe econômica e à política e como percepção, à paralaxe científica.

Essa investidura teórica alude a uma discussão histórica a ser perscrutada, isso em vista de que na paralaxe constituída a modernidade age com esplendor para promulgar a paralaxe científica; contudo se reserva à paralaxe construída um novo enlace historiográfico às auroras da humanidade. Ao encontro com a ciência arqueológica, toma-se: “Durante todo o período Neolítico e Calcolítico as comunidades tinham a dimensão de uma aldeia (ou grupo transumante), com implicações quantitativas e qualitativas.” (LIVERANI, 2020, p. 108). A estrutura de aldeias protourbanas advoga sentido às casas sem seus coletivos e, logo na revolução urbana do Período do Bronze, arrasta-se a hierarquização: “A relação de complementaridade tornou-se rapidamente hierarquizada, com aldeias estruturalmente tributárias da cidade.” (LIVERANI, 2020, p. 108). Isto é, a trama das casas está entrelaçada na trama das hierarquias, constrói-se a individualidade da casa para transpor sua coletividade. Disso, enlaça-se as tramas das casas que vão sendo aglutinadas à rede global, porém, são pretéritas à rede urbana. Assim, a rede hierárquica

da atualidade globalizada é o grande sistema de interpenetração das ideologias do capital pelas nervuras diferenciais que vão das centralidades globais do poder até aos casebres dos abrigados.

Ainda na intrusão da história da humanidade, tem-se que há uma importante distinção entre a casa do campo e a casa da cidade no transpassar do nomadismo ao sedentarismo. Ao rumo de I. Khaldun (1958, p. 206-207, destaque nosso), menciona-se: “O nomadismo, estado social anterior à vida cidadina. [...] Quando o Nômade atinge o grau de bem-estar que lhe proporciona a *residência* na cidade, entrega-se à doçura de viver, deixando-se levar pela corrente da Civilização. ” Em verdade, as distintas tramas urbanas dependem de interligações humanas de diferentes redes, como a dos povos das planícies com a dos planaltos, isto é, ao caso das redes próximas aos corpos hídricos (desde sempre maioria majoritária): “Os vales aluviais hospedam a maior parte das plantações e dos centros urbanos. Porém, não possuem matérias-primas: não possuem bosques (madeira), pastagens (lã), nem metais ou pedras. Esses recursos encontram-se, sobretudo, nas montanhas e planaltos” (LIVERANI, 2020, p. 50). Por isso, aqui, devasta-se qualquer noção de determinismo geográfico; as trocas de matérias e de formas estipulam a sempre reciprocidade de relações (desiguais e, logo, abrem margem para hierarquização), que compenetraram a transição de materialidades e de imaterialidades gerando diversidade de objetos e de ideias.

A paralaxe geográfica abre-se como trama da casa às redes de casas, de casebres aos palácios, em uma espacialidade das casas em regiões contínuas e descontínuas, de escalaridades pequenas ou grandes. Cada casa da trama global é tanto um microcosmo do mundo quanto um macrocosmo do planeta, assim como cada casa nas demais tramas são resistência, em sobrevivência e em supervivência. Nesse sentido, afere-se à periferialidade: “As escolhas das pessoas refletem valores partilhados. Outras pessoas veem-se elas mesmas em condições semelhantes do sistema socio-técnico e, com potencial de compra de casa mais limitado, são forçadas para certas áreas. ” (PAHL, 1975, p. 68). Ademais, pelas disparidades capitalísticas sempre gritantes ao que concerne à casidade enquanto capital material e imaterial, projeta-se à situação-extrema do desabrigo (ou sem-teto): “Outras pessoas, ainda, ocupam uma posição ainda mais restrita no sistema social de forma que não têm nem mesmo o privilégio de possuírem uma casa; e assim por diante. O padrão residencial é um reflexo do funcionamento do sistema social. ” (PAHL, 1975, p. 68). Admite, pois, a casa como objeto capitalístico efetivo (enlaçando o real material e o ideal formal), abre-se suas construções de método referente à constituição das interseccionalidades.

A casa, enfim, é percebida em paralaxe construída por seus fenômenos em paralaxe constituída. Dessarte, do lugar-do-ser ao ser-do-lugar, tem-se a casa em suas facetas complementares e interpenetrantes; discute-se o ser em relação ao lugar e o lugar em relação ao ser gerando-se a paralaxe geográfica. Abre-se a casa pela visão da paralaxe econômica e da paralaxe política, circulando-se para tecerem a paralaxe científica. A casa é um lugar em paralaxe mediante a paralaxe do lugar. Nesse sentido, imbrica-se da interseccionalidade ao método (da constituição à construção) visando a paralaxe geográfica,

neste caso, para uma fenomenologia da casa em busca da casidade. Depreende-se, por fim, que a casa em paralaxe é a paralaxe da casa.

Considerações finais

Com o intuito de investigar-se a casa enquanto lugar, tem-se sua concepção tanto como fenômeno (constituído) quanto, e sobretudo, aberta à percepção (construída). O sentido para se discutir a casa, neste trabalho, dá-se através da dialética aristotélica do lugar: o lugar-do-ser, em vista do construir e o ser-do-lugar, em vista do constituir. Alia-se, ainda, do prisma físico à investidura filosófica, o efeito de paralaxe: de modo geral, a mudança do fenômeno através da mudança da posição do percebido. Entre a paralaxe e o lugar, versa-se a discussão de base ontológica, entre a paralaxe econômica e a paralaxe política, em configuração mútua para a paralaxe científica. Ao caso, fundamenta-se assim o aparato de discussão acerca da casa como lugar dialético em visão da paralaxe geográfica: unindo-se a paralaxe constituída e a paralaxe construída.

Ao entrelaçamento dos conceitos que perpassam a casa em sua concepção, durante todo o trabalho, buscou-se defrontar às situações-limite. A partir da casa, têm-se as extremidades do lugar-do-ser (moradia) e do ser-do-lugar (residência), ao passo que o morar sem o residir é o ápice do habitar e o residir sem habitar é o ápice do abrigar. Com isso, envolvem-se quatro conceitos basilares para situar a casa, visando entre o morar (idealidade) e o residir (materialidade) a proposição do habitar (forma) e do abrigar (matéria); nesse confronto do idealismo com o materialismo abre-se a fenomenologia da casa. Em paralaxe ontológica, intenta-se à casidade tanto pela paralaxe econômica (entre o *οἶκος*, casa e *νόμος*, gerir ou administrar; visionando a dinâmica de poder) quanto pela paralaxe política (entre homem-mulher, cidadão-idiotista, rico-pobre, cientista-leigo). Assim, chega-se à paralaxe científica com princípio de método (entre dentro-fora, perto-longe, unidade-conjunto, trama-rede). Em conjunto, tem-se a paralaxe geográfica.

Com isso, atrela-se à casa o sentido ontológico de casidade em situações dialéticas entre o lugar-do-ser (imaterialidade-material) e o ser-do-lugar (materialidade-material). A essa visão, coliga-se, no trabalho, uma dimensão histórica tanto da paralaxe constituída (pela Modernidade) quanto da paralaxe construída (pela Antiguidade), nesse sentido abre-se primeiro a pensar do capitalismo ao imperialismo e segundo das aldeias às cidades – entre casebres e palácios – ambas intercambiando aberturas para leitura em paralaxe da globalização do planeta. A casa não é inocente, por conta disso, uma leitura crítica é sempre ímpar à compreensão da paralaxe geográfica, sobretudo, deste objeto-ideia/ideia-objeto. Entre a matéria e a forma, circula-se a casa como fundamento capitalístico da sociedade e, assim, traquitana-se como capital.

Espera-se, portanto, que a visão da casa esteja melhor observada especialmente em seus aspectos econômicos, políticos e científicos. Ao entendimento da paralaxe geográfica, o método de abertura é o principal esforço de contribuição deste estudo do modo de ser da casa: a casidade. Uniram-se múltiplas linhas de pensamento como esforço de paralaxe, que elabora certo cubismo filosófico que, apesar de estranho, abre-se vívido à teorização dos fenômenos e das percepções. Ao caso, entre o idealismo e o materialismo abriu-se a fenomenologia-dialética em busca de uma ontologia intensa da casa. Da psicanálise à ontologia, a casa é um esforço humano de constituir-se e construir-se a si mesmo imaterialmente e materialmente mediante o principal lugar de sua existência: a casa.

Referências

- ARISTÓTELES. O tratado do lugar e do vazio (Física IX, 1-9). Tradução do grego de Arlene Reis, Fernando Coelho e Luís Felipe Bellintani. **Anais de Filosofia Clássica**, v. 9, p. 86-105, 2011.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BERGSON, Henri. **O que Aristóteles pensou sobre o lugar**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRANDÃO, Gabriela. A paisagem e a casa: da porta para fora e da porta para dentro. **Revista Geografias**, Edição especial, p. 41-54, 2019.
- BRANDÃO, Jacyntho. *Econômico* de Xenofonte. **Kléos**, n. 2/3, p. 221-227, 1998/1999.
- BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006** (Lei Maria da Penha). Lex: Casa Civil da Presidência da República, Brasília, p. 1, 2006.
- BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.
- CARVALHO, Caê. A Tragédia e o aconchego: a casa como repouso do ser nos quadros de afecção dolorosa crônica. **Kalagatos**, v. 20, n. 2, p. 1-21, 2023.
- CORSO, Diana; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DEFFONTAINES, Pierre. *Introduction à une géographie du sommeil et de la nuit*. In: DEFFONTAINES, Pierre; DELAMARRE, Mariel; JOURNAUX, André. **Géographie générale**. Paris: Gallimard, p. 1055-1062, 1966.
- DEFFONTAINES, Pierre. **L'homme et sa maison**. Paris: Gallimard, 1972.
- DICKINSON, Emily. **Poemas escolhidos**. Porto Alegre: L&PM Pocket Plus, 2007.
- FONSECA, Fernando. Materialismo dialético e finitude ontológica em Slavoj Žižek: da paralaxe kantiana à paralaxe hegeliana. **Kínesis**, Marília, v. 11, n. 28, p. 76-96, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FRÉMONT, Armand. **La région, espace vécu**. Champs: Flammarion, 1999.

GONÇALVES, Leandro. O estudo do lugar sob o enfoque da geografia humanista: um lugar chamado Avenida Paulista. 2010. 267 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.

GUADAGNIN, Alana. Os três porquinhos em duas versões. **REI – Revista de educação do IDEAU**, v. 12, n. 26, p. 1-17, 2007.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 125-142, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Remarques sur art – sculpture – espace*. Tradução do alemão de Didier Franck. **Les Temps Modernes**, Paris, v. 4, n. 650, p. 46-55, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JACOBS, Joseph. **English Fairy Tales**. 1ª ed. London: David Nutt, 1890.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KHALDUN, Ibn. **Os prolegômenos ou Filosofia Social**. São Paulo: Safady Ltda, v. 1, 1958.

LIVERANI, Mario. **Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia**. São Paulo: Ed. USP, 2020.

LOPES, Jahan. Geografia, escalas e a lua: do geocentrismo à ontologia. **GEOgrafias**, v. 29, n. 1, p. 103-120, 2021.

LOPES, Jahan. Psicologia socioespacial: a existência geográfica no meio ambiente. **Geoconexões** (Online), v. 1, n. 1, p. 170-188, 2022

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Petrópolis: Vozes, 2022.

PAHL, Raymond. Modelos Sociológicos em Geografia. *In*: HEGGET, Peter; CHORLEY, Richard. **Modelos socio-econômicos em geografia**. São Paulo: Ed. USP, p. 48-69, 1975.

RODRIGUES, Susana. O fogo como centro e símbolo da casa. **Arq. urb.**, São Paulo, n. 15, p. 7-25, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

XENOFONTE. **Econômico**. Tradução e introdução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ŽIŽEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008.



LOPES, Jahan Natanael Domingos. PARALAXE DA CASA: O LUGAR-DO-SER E O SER-DO-LUGAR. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.19, n.1, 2022, eK22003, p. 01-17.

